



Ao contrário do que anunciou, Collor não fez consulta

Líderes não foram ouvidos

☐ *Marco Maciel e Souto ainda estão no exterior*

O presidente Fernando Collor iniciou o ano proclamando, mais uma vez, sua disposição de consultar em todas as decisões importantes do Governo suas lideranças partidárias. Algo falhou entre a intenção e o gesto: justamente os dois líderes do Governo no Congresso Nacional — senador Marco Maciel e deputado Humberto Souto — foram os últimos a saber sobre a convocação extraordinária do Legislativo e as mudanças na Previdência Social. Souto foi informado, ontem, às 4h30m da manhã, quando foi acordado em Pequim por um telefonema do ministro Jarbas Passarinho. E só chegará ao Brasil domingo, mesmo assim graças a uma operação triangular do governo brasileiro, do embaixador na China e da Varig. Já Maciel, numa viagem cultural a Portugal, não havia sido localizado até o final da tarde de ontem. O presidente do Congresso, senador Mauro Benevides, entrou, então, no circuito e acionou o embaixador do Brasil em Lisboa, Luiz Felipe Lampréia, para achar Maciel em Portugal.

O líder do PDS, deputado Victor Faccioni, chegou ontem a Brasília, reclamando: “Os trabalhos legislativos foram estendidos por uma semana no ano passado justamente para evitar uma convocação extraordinária. Todo mundo saiu convicto de que não haveria a reunião extraordinária. Isto provocou um

verdadeiro pandemônio na vida dos parlamentares que estão no interior e no exterior”. Com Souto, na China, estão vários líderes, como os deputados Gastone Righi, do PTB, e Vivaldo Barbosa, do PDT, num, amplo roteiro de viagens pela Ásia para conhecer o boom econômico da região.

Dificuldade

O deputado Henrique Eduardo Alves, do PMDB do Rio Grande do Norte, revoltado com a decisão do Governo, chegou, ontem, a Brasília e foi à presidência do líder governista Ricardo Fiúza. Lá, soube das dificuldades de Souto para retornar ao País e do fato de Fiúza não ter sido previamente consultado sobre as mudanças na Previdência, apesar de defendê-las. Fiúza, por sinal, era esperado, mas não compareceu à visita de Passarinho à presidência do Senado, para a qual todos os líderes que estavam em Brasília foram convidados.

O ministro Passarinho, na solenidade no gabinete de Benevides, foi logo justificando: “Não é intenção do Governo prejudicar o recesso do Congresso. A medida é mais que urgente, é emergente. O presidente da República, numa deferência ao Congresso, evitou a edição de uma medida provisória”. Passarinho, com uma ponta de ironia, explicou por que os líderes não foram previamente consultados: “Era difícil ouvi-los na China”.